

REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS NOS ESCRITOS DE VIAGEM DE EURICO KRÄUTLER NO XINGU (1935 – 1979)

LÉIA GONÇALVES DE FREITAS*

Resumo

Este artigo é fruto das discussões na disciplina “Intelectuais e circulação de ideias em Educação”, da Universidade Federal do Pará/Programa de Pós-graduação em Educação/Doutorado. Tem como objetivo analisar as representações indígenas, a história social do pensamento intelectual de Eurico Kräutler na obra *A Moringa Quebrada* e, as aproximações teóricas com o papel do intelectual refletido por Edward Said, no livro *Representação do Intelectual: as palestras de Reith de 1993*. O livro *A Moringa Quebrada* registra as experiências e ações de convivência com os seringueiros, moradores e indígenas na região e traz registros políticos, geográficos e educacionais do Xingu, no século XX que tem sido referência para pesquisadores do campo da História, da Antropologia, da Educação, do Direito, dentre outros. Por apresentar-se como uma possibilidade de leitura analítica para diversas áreas, consideramos relevante problematizar: qual a relação da História social do pensamento intelectual de Eurico Kräutler com sua trajetória pessoal e profissional com os índios e, seu papel como intelectual no Xingu? Os resultados obtidos evidenciaram que, Kräutler foi atuante como intelectual na proteção e na educação dos índios do Xingu, pois, ao longo de sua vivência e missão junto a eles, desempenhou papel ora de intelectual profissional, ora de intelectual amador. Para além disso, Kräutler foi um intelectual que empenhou toda a sua vida pública em explicitar os conflitos e as crises dos índios, ao mesmo tempo em que davam dimensão humana à sua dor.

Palavras chaves: Representação indígena. Memorialista-intelectual. Xingu

Introdução

Objetiva este artigo analisar as representações indígenas, a história social do pensamento intelectual de Eurico Kräutler na obra *A Moringa Quebrada* e, as aproximações teóricas com o papel do intelectual refletido por Edward Said, no livro *Representação do Intelectual: as palestras de Reith de 1993*. A escolha da obra foi devido a: 1) registrar as experiências e ações de convivência de um memorialista-intelectual com os indígenas na região; 2) evidenciar aspectos políticos, geográficos e educacionais do Xingu no início do século XX, que tem sido referência para pesquisadores da área da História, da Antropologia, da Educação, do Direito, dentre outros; e 3) abordar os problemas da realidade sócioeducacional dos índios e da região do Xingu no século XX. Neste sentido nos interessou pesquisar: Qual a relação da

* Doutoranda em Educação – Universidade Federal do Pará – UFPA e Professora da UFPA, Campus Altamira.

História social do pensamento intelectual de Eurico Krätutler com sua trajetória pessoal e profissional com os índios e o seu papel como intelectual no Xingu? Como acervo literário, a obra expressa o pensamento intelectual de Krätutler e sua concepção sobre o índio e sua educação, no recorte temporal de 1935 a 1979. Contudo, lembramos ao leitor que, nesta análise consideramos, sobretudo, o tempo histórico-social ao qual ela foi escrita. Lembramos ainda que, a concepção de Krätutler está ligada às inspirações intelectuais de sua formação eurocêntrica e positivista, manifestada segundo Neves (2006) também na escrita. Para o referido autor, “as palavras têm materialidade, quase que atemporal [...]” por isso, é preciso “reconstituir o meio, pesquisar o que, e para quem se escrevia; quem lia e por que. Seria necessário investigar que tipo de formação os escritores receberam [...]” (NEVES, 2006, p. 340).

Desse modo, nosso desafio aqui foi construir uma estrutura teórica para reflexão crítica entre a História social do pensamento intelectual do autor consolidada na obra analisada e o papel do intelectual refletida por Edward Said. Assim, principiando por uma revisão bibliográfica no livro *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993* constatamos que, a perspectiva de Said conferiu suporte teórico e conceitual necessário para elucidar o papel e a representação do intelectual no Xingu, no período histórico nomeado. As contribuições de Said ajudaram a mapear as confluências e divergências teóricas da representação de Krätutler como um intelectual no Xingu.

Por intermédio de Said (2005, p. 10) foi possível percebermos que Krätutler, como intelectual, foi um indivíduo capaz de “derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”; pois, na obra *A Moringa Quebrada*, o autor indaga condições de vida dos indígenas; levanta questionamentos, fornece informações e dados sobre a cultura e a história das diversas etnias do Xingu, demonstrando-se inconformado com a precariedade sociopolítica dos índios, por um lado. Por outro, expressa governos, ideologias, pensamentos e valores morais e éticos de concepção naturalista e religiosa com traços de uma educação positivista marcante. Essas divergências e confluências corroboram dois tipos de

intelectuais: “profissional e amador¹” de Said, e, respectivamente com seus diversos papéis.

Isto nos levou a inferir duas questões: 1) ao explorarmos a obra *A Moringa Quebrada*, Eurico Kräutler ora apresenta uma inspiração teórica, tendendo ao intelectual profissional. Isso, se compreendermos que ele estava vinculado a uma instituição religiosa, pois era Missionário do Preciosíssimo Sangue, por conseguinte filiado às ideias e métodos da Igreja Católica, o que, de certa forma, controlava sua liberdade intelectual. Ora, transgredia todas as normas estabelecidas, rebelava-se e buscava “promover a liberdade humana e o conhecimento” (SAID, 2005, p. 31) da comunidade local, dentre eles, a dos indígenas; logo, assemelhando-se ao intelectual amador de Said; e 2) está relacionada às representações que foram construídas e elaboradas sobre o Kräutler, na região do Xingu: Na área da Antropologia, por exemplo, ele é denominado por estudiosos e pesquisadores como um memorialista, dado que todas as suas obras², são resultados de registros de viagem, dentre elas, *A Moringa Quebrada*, objeto de análise deste artigo. Contudo, também foi célebre e especialista das questões indígenas. Neste enquadre, questionamos: Quem era Kräutler? Qual a contribuição dos seus escritos para os moradores, estudiosos e pesquisadores do Xingu?

Vida e obra de Eurico Kräutler: incursões missionárias no Xingu

Eurico Kräutler nasceu em 1906³, em Koblach, Áustria, em uma família de dez pessoas. Estudou nas universidades de Viena, Roma e; Salzburgo e Sorbonne, em Paris, onde cursou o primeiro ano de medicina. Sua decisão em tornar-se missionário só aconteceu depois de muito avaliar seus estudos em medicina e os estudos teológicos. Depois de refletir sobre a vida social da população “largada” à própria sorte, Kräutler opta pela vida missionária, por acreditar que podia contribuir com as pessoas “marginalizadas e desvalidas”. Assim, em 1931 ingressou na Congregação Missionária do Preciosíssimo Sangue de Cristo, com sede em Salzburgo e Traunstein, na Áustria.

¹ Serão conceituados no tópico dois desse trabalho.

² Todas as obras de Kräutler aos quais tivemos acesso serão listadas nesta obra, mas será descrita apenas “*A moringa quebrada*”, por ser ela objeto de nosso estudo.

³ Kräutler faleceu em 1986.

Em 1934 foi para Vila Viçosa, Portugal para estudar intensivamente a língua portuguesa e aprender a língua brasileira, para então ingressar na missão do Xingu⁴, no Pará. Por sua destreza, sabia se ajustar a todas as situações: de missionário, em meio à mata virgem e de Vigário Provincial, cargo que exerceu em 1938. Também foi professor de História, em Belém, capital do Estado do Pará, de 1938 a 1942.

Kräutler era “homem silencioso, dedicado à oração, homem da ação perseverante” (KRÄUTLER, 1979, p. 117). Por esses atributos foi nomeado em 1948 Vigário Provincial da Prelazia do Xingu, em Altamira-PA⁵, instituição criada em agosto de 1934, pela “Bula Animarum Bonum Postulat, do Papa Pio XI [...]” (PRELAZIA DO XINGU, 2016).

No ano 1965, Kräutler foi eleito Vice-geral dos Missionários do Preciosíssimo Sangue, em Roma e voltou como Bispo para a missão no Xingu. Depois, foi Sagrado Episcopal em Feldkirch, sua terra natal, em 1971. No mesmo ano, foi nomeado por Paulo I, Prelado do Xingu e Bispo Titular de Cisa. Tomou posse em 1971, como bispo em Altamira-PA, cidade localizada a oeste do Estado, às margens do Rio Xingu, Rodovia Transamazônica. Esta Rodovia foi planejada e construída no governo do General Emílio Garrastazu Médici, em 1970.

Como missionário, Kräutler era querido pela comunidade, como intelectual ficou conhecido como um especialista, um “perito na causa dos indígenas” (KRÄUTLER, 1979, p. 118), que foi materializado em sete obras: *Sepultado nas selvas* (1934); Manuscrito intitulado *Salve o Xingu* (1940); *Melodia do Xingu* (1943); *Xingu, encanto ou terror?* (1953); *O sertão treme* (1955); *A moringa quebrada*⁶ (1979); e *Sangue nas Pedras* (1967). Todas elas historiam os escritos de viagem de Kräutler, no Xingu e suas

⁴ Conforme Kräutler (1979, p.18), o “etnólogo alemão Karl Von Steinen foi o primeiro a explorar cientificamente o rio Xingu, com duas expedições”. Foi esse fato, principalmente, que deu ao Xingu o nome de “rio da ciência alemã”.

⁵ Altamira foi fundada em 06 de novembro de 1911, por meio da Lei Estadual nº 1234, resultado da Vila de Altamira, no município de Souzel, no ano 1880. Sua atividade socioeconômica era agricultura, pecuária e a extração da borracha e da castanha-do-Pará. A cidade é palco de grandes projetos do Governo Federal desde os anos de 1970, como a abertura da Rodovia Transamazônica, na gestão do presidente da República Emílio Garrastazu Médici. A Transamazônica foi considerada uma “obra faraônica”, devido a sua extensão de 4.223 Km de comprimento (MILÉO, 2013, p. 177). Em relação à geografia altamirense, dados do IBGE (2010) demonstram que sua extensão territorial é de 159.533,730 km², considerada o segundo maior município do mundo. Esta cidade é atravessada pela Rodovia Transamazônica no sentido leste-oeste, ligando Altamira a Belém (800 km), capital do Estado do Pará.

⁶ A obra será detalhada no tópico dois deste artigo.

experiências em meio aos índios, bem como os perigos e naufrágios que vivera. Porém, os dois últimos foram os que tiveram maiores relevâncias para os pesquisadores da região, por evidenciar as várias etnias indígenas do Xingu, dentre elas, citamos: Jurunas, Araras, Kaiapós, Gorotirés, Assurinís e Xypaia.

Tais registram ainda, as dificuldades de acesso, mobilidade e perigos do Xingu, bem como os conflitos entre os seringueiros, moradores e indígenas. O livro *Sangue nas pedras*, de 1967, por exemplo, objetivou despertar vocações missionárias nos jovens, tendo por finalidade trazer para o Xingu dezenas de irmãos e padres com a missão de catequizar e assistir colonos, seringueiros e indígenas. Mas, segundo Krätler (1979), passaram anos, para que a missão fosse ampliada. A maior parte do tempo, estava sempre sozinho, a não ser, quando andava pelo rio. Os pilotos indígenas⁷, caboclos ou nordestinos eram seus companheiros de viagem. Estes eram representados pelo autor como homens sofridos, calados e amargurados, mas eram exímios remadores.

Krätler era homem solitário e calado, como demonstrado em vários trechos do livro *A Moringa Quebrada* (1979): “embarcamos em silêncio” (p. 29); ou ainda: “[...] envolvidas num silêncio sinistro, que lembravam cruzeiros de cemitério [...]” (p. 52). “Essa condição solitária, [...] segundo Said (2005, p. 18) é sempre melhor do que uma tolerância gregária para com o estado das coisas” do intelectual, pois o ajuda a refletir sobre a condição humana dos sujeitos, sua posição no mundo e seu papel como intelectual na sociedade.

E isso, a nosso ver, era o que fazia Krätler. Servia-se do silêncio, para perceber-se como homem do povo, entregue às causas populares e ao reconhecimento da irmandade. Representava sua atitude humana no báculo⁸ de madeira que usava, trazendo o lema bispo-missionário. Seria esta irmandade, uma forma de aproximação para com os indígenas? A intenção a cada missão era chegar-se à alma dos índios, mas sabia ele que, inculcar uma consciência ética a “esses seres da natureza” (KRÄUTLER, 1979, p. 14) demandava carinho e esforço.

⁷ Para Krätler (1979), os melhores pilotos do Xingu eram os decentes das tribos indígenas Kuruayas, Xypaias e Jurunas.

⁸ Báculo é um bastão de metal dourado, prateado ou de cobre, utilizado por bispo e por autoridades geralmente religiosas.

Essa convivência no Xingu rendeu a Kräutler o reconhecimento de especialista na questão indígena, por isso, sua atuante participação em Conferências Episcopais por todo o Brasil. Kräutler, por isso, era assediado por repórteres e jornalistas nacionais e internacionais. Em uma entrevista⁹ cedida ao jornal *O Globo*, sobre a situação dos índios no Xingu, o autor repensa seu silêncio e os modos de falar.

Depois do episódio ponderava mais as exposições orais e escritas, visto que elas evidenciavam as representações que estavam sendo construídas e elaboradas sobre si e sobre os indígenas, no Xingu. A respeito dele, pairava as representações de um intelectual profissional, especialmente porque, averiguarmos que, na obra *A Moringa Quebrada* há compromisso referencial que contém valor teórico e documental do Xingu. E tais valores se manifestam tanto no âmbito do viver pessoal do autor quanto no âmbito do conhecimento situacional e tempo-espaço dos indígenas.

Mas, o que é ser um intelectual? E qual o papel que este desempenha na sociedade? Seria Kräutler um intelectual que reflete sobre as causas indígenas no Xingu? Se sim, qual a sua atuação junto aos índios? Para Said (2005, p. 38) “falar sobre intelectuais hoje significa também falar especificamente de variantes nacionais, religiosas e mesmo continentais dessa questão, e cada uma delas parece exigir: considerações separadas”, dentre elas, a própria representação que o intelectual tem de si mesmo e do seu trabalho.

Exemplificando, Kräutler, pensava em si como fornecedor de conselhos “objetivos” e acreditava que seus ensinamentos têm um valor de verdade. Advogava uma perspectiva excêntrica e consistente, mas também, tinha espírito de oposição e proteção. Igualmente, buscava, por intermédio da proteção ao índio, “quebrar a mesquinhez humana” (KRÄUTLER, 1979, p.116) e, conseguia “ajudar muitas pessoas sofredoras” (KRÄUTLER, 1967, p. 226). Como indivíduo, Kräutler devia lealdade ao ser humano, e não o contrário.

⁹ O repórter começou me perguntando qual era a minha estimativa quanto ao número de índios existentes no Xingu, respondi que a pergunta era muito difícil, pois seria impossível realizar qualquer recenseamento de uma população ainda desconhecida. [...] Mas, em minha opinião, a quantidade [...] máxima era nove mil índios. No dia seguinte, o jornal estampava em letras garrafais na primeira página: NOVENTA MIL ÍNDIOS MORRENDO DE FOME NO XINGU! (KRÄUTLER, 1967, p. 108).

Pensamos que essa assertiva corrobora a representação do intelectual refletido por Said (2005), ao afirmar que, o intelectual é alguém que luta “contra o *status quo*, num momento em que a luta em nome de grupos desfavorecidos e pouco representados parece pender tão injustamente para o lado contrário ao deles” (SAID, 2005, p. 17, grifo do autor). Assim, denunciar a exploração e a maneira como os homens agem sobre os outros, ou sobre a miséria alheia é, para Said (2005), a tarefa principal do intelectual, independente de sua filiação partidária, religiosa e institucional.

Por ser um indivíduo com papel público na sociedade, o intelectual, para Said (2005, p. 27) “envolve, ao mesmo tempo, compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade”. Esses atributos espraiam no estilo de vida do intelectual, de modo a transformar seu desempenho social, agora representado por uma peculiar prática de unicidade, promotora de liberdade e do conhecimento. Destarte, o intelectual “não é nenhum pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis” (SAID, 2005, p. 35).

Representações indígenas, a história social do pensamento intelectual de Eurico Krätler, na obra *A Moringa Quebrada*: aproximações teóricas com o intelectual profissional e o intelectual amador de Edward Said

Um dos destaques na obra *A Moringa Quebrada*, de Eurico Krätler é o esforço em demarcar sua visão acerca das questões indígenas, que aqui, será tratada por nós como representações indígenas. Trata-se de uma “representação” bem delimitada, apoiada em uma concepção eurocêntrica e um discurso explicitamente positivista. Porém, destacamos que, nossa percepção sobre o autor está demarcada pelo *lugar* de onde falamos. Lugar esse definido por conhecimentos, saberes e modos de ser e de estar, de sujeitos histórico-sociais que, ao mesmo tempo permite subjetivação e, ainda, ser subjetivado, de modo, a impactar, sobremaneira, produções multifacetadas de homens e mulheres, em construção de práticas e discursos permanentes.

Proferir essa demarcação de lugar, para nós é importante, porque concordamos com Sirinelli (1996, p. 258), ao proferir que, “as ideias não passeiam nuas pela rua; que

elas são levadas por homens que pertencem eles próprios a conjuntos sociais”. Portanto, esclarecemos que, as interpretações feitas na obra de Kräutler privilegiarão o lugar e o tempo do autor, neste caso, a Amazônia paraense e, mais especificamente, a região do Xingu, nos anos de 1935 a 1979.

Para um autêntico missionário austríaco, a representação indígena é o resultado de um conhecimento positivista e naturalista, produzida e definida política e culturalmente, pelo discurso da religiosidade e da fé cristã, pois tudo era explicado pela existência divina, “tudo estava no [...] plano misterioso” (KRÄUTLER, 1979, p. 116). Além disso, assevera o autor que, “o homem da selva, quase sempre, tem tendências religiosas pronunciadas; muito acessível ao sobrenatural [...]” (KRÄUTLER, 1979, p. 33), por isso, “[...] acertam melhor que nós, a comunicação com as maravilhas da criação e da Providência Divina” (KRÄUTLER, 1979, p. 08).

Entendemos como representações, os discursos que circulam nos valores, ideias e ações acerca da vivência indígena, de modo específico ou não e, produzindo estratégias e práticas propensas a conferir uma autoridade, e mesmo a legitimar escolhas (SAID, 2005). Assim, representações é uma “consistência discursiva, que não tem apenas história, mas uma presença material (institucional) [...] as representações são formações ou, como Roland Barthes disse: [...] são deformações” (SAID, 2007, p.366).

Certo é, porém, que, estudar os conteúdos que abarcam o campo da representação indígena na obra em questão, implica, por um lado, interpretá-la em seu momento histórico. Por outro lado, percebê-la como um campo estruturado de significações, saberes e informações teóricas que retrata a vida dos índios a partir de uma visão colonialista e naturalista, resultante da formação de Kräutler: ideologicamente dominante, religiosa, naturalista e positivista e esta fundamentaram a proteção e educação dos índios, no Xingu e sua produção intelectual, como ele mesmo expressa em um trecho da obra analisada: “É fato lamentável que os *primitivos Assurinís* não conhecessem, ao que parece, a escrita. De modo que será muito difícil saber algo de exato sobre seu passado” (KRÄUTLER, 1979, p. 62, grifos do autor).

Ao referir-se aos Assurinís como um povo primitivo, o autor mostra claramente a necessidade de o Estado (por tutela da Igreja) agir infalivelmente sobre o ignorante para civilizá-lo. Imagens como essas estão presentes na sociedade, desde a colonização

que, de modo geral, tem representado os índios como atrozés, bárbaros e cruéis, mas também, como pobrezinhos, incultos e necessitados de “cultura”.

Esta limitada ótica analítica, dimensionou os debates de Kräutler nos encontros e decisões políticas e religiosas, bem como suas produções escritas ao longo dos anos. E, compôs o conjunto de ações, de relações e interesses elaborados durante a missão no Xingu. Neste sentido, podemos afirmar que, o modo positivista de Kräutler em registrar a história dos indígenas no Xingu, vem à tona praticamente em toda a obra.

Em outra passagem, diz, “não pense, porém, o europeu que, fugindo do mundo civilizado, encontrará aqui o céu na terra” (KRÄUTLER, 1979, p. 51). Na perspectiva do autor, “o inverno verde”¹⁰ causava angústia a quem chegava e, o contato com os índios bárbaros e selvagens, desencadeava uma situação de perigo. Porém, “além dos índios selvagens, constituem perigos: a mata como tal, os grandes rios com suas enchentes, os animais bravios, as feras palustres, a fome e a sede [...]” (KRÄUTLER, 1979, p. 06).

No entanto, a maior ameaça estava na cultura, pois, maior que a distância geográfica da Amazônia, era a distância cultural entre uma civilização europeia adiantada e, uma pré-história de caçadores, coletores e índios truculentos, ferozes e incultos que dizima uma população e sua hegemonia. Assim, era preciso cuidado civilizatório, visto que, as condições habitacionais, locais e culturais da população e especialmente dos índios, não oferecia qualquer conforto, tampouco condições mínimas de moradia.

Essa representação marginal do índio no Xingu, percebida na obra analisada, só será modificada pela educação, corporificada, *a priori*, na catequização, que começou a ser feita no ano de 1937, períodos de transferência da sede da missão Xingu, da cidade de Porto de Moz para Altamira-PA, nesta época, com mil e quinhentos habitantes (KRÄUTLER, 1967). E, a educação, para os índios, romperia com o culturalmente atrasado: o coletor e o caçador passariam a produzir seu próprio sustento e comercializar o excedente, logo, civilizariam. Inicia-se, então, a educação indígena na região do Xingu.

¹⁰ Era assim que ele chamava a região Amazônica (KRÄUTLER, 1967).

O mundo intelectual dos índios era preenchido por estudos da língua portuguesa e histórias de animais. Essa constatação, para o autor, levantou dúvidas sobre a conversão do índio, mas que só poderia acontecer, na educação: “a conversão do índio não consiste na compreensão abstrata da doutrina cristã, mas sim, antes de mais nada, na educação” (KRÄUTLER, 1967, p. 98). Ocorre então, uma inversão de papéis. Agora, a educação ocupa lugar central no processo civilizatório dos índios.

Começa a luta de Kräutler para criar orfanatos e escolas nas cidades às margens do Xingu. Por meio de peregrinações, por vários Estados brasileiros e audiências com autoridades religiosas, civis e políticas, o autor inicia o processo de viagem pelo Brasil, visando conseguir fundos para a construção de instituições assistenciais e escolares. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, o autor visitou de Previdência Social a banqueiros; de empresários a diretores de instituições governamentais e não governamentais; mas, a ajuda financeira veio da Viscondessa Celeste Duprat Serrano, de São Paulo e o presidente do Instituto Brasileiro do Café - IBC, no Rio de Janeiro, que custearam grande parte da maioria da missão no Xingu, no que tange à construção de escolas, igrejas e galpões utilizados como orfanatos.

Com o governo, Kräutler não obteve sucesso, com o Manuscrito de trinta páginas intitulado *Salve o Xingu*, em mãos e uma carta de recomendação do Cardeal da Igreja Católica, o autor percorria Ministérios da Educação e da Saúde, Ministério do Trabalho e outros, à procura de ajuda, apesar disso, não fora recebido. Segundo o referido autor, os oitocentos réis que conseguira do governo não comprava nada, quanto mais ensinar os índios sem instrução conviver pacificamente com os demais moradores. E, aos moradores, ensinar-lhes a não explorar os índios, tampouco escravizá-los.

O projeto educacional de Kräutler se aproximava de uma linha positivista, pois trabalhava com a ideia de civilizar os índios, impondo-lhes os princípios da moral e da civilidade europeia, que perpassava desde às vestimentas ao modo de agir dos indígenas. A educação pensada foi baseada no Romantismo europeu, que buscava reproduzir um sentimento nacional de índios bons e sábios, capazes de ajudar no progresso da nação brasileira (LUCIANO, 2006).

Para além disso, o autor tornava-se público na sociedade, lutava por uma filosofia de educação que acreditava e que, segundo ele, traria benesses aos índios do

Xingu. Em nome desse modelo de educação andava a esmo, em defesa dos direitos de um povo que, segundo ele havia adotado como seu.

Indignava-se, quando ouvia falar dos índios em tom de ironia ou com desmerecimentos, como podemos verificar no diálogo seguinte: “os índios de lá não são gente! [...] – Oh, não, senhor diretor, os índios são muitos inteligentes!” (KRÄUTLER, 1967, p. 111). Tal repulsa é recorrente em sua obra e o debate sempre inevitável. E, um dos objetivos do autor nestas calorosas conversas era sempre questionar e expor as normas vigentes sobre libertação política, ética e religiosa da vida dos indígenas, o mundo intelectual destes, a importância da missão em terras de matas virgens e a grandeza de seu amor pelo trabalho que realizava. Para Krätler era seu dever explicitar os problemas, conflitos e crises do povo indígenas, assim como universalizar sua experiência, sofrimento e lutas por melhores condições de vida, no Xingu.

Essas passagens são comuns em suas obras e, ao explorá-las, percebemos que, se por um lado, a formação teológica e positivista que recebera e fundamentava seu pensamento intelectual direcionava sua proposta de educação indígena na missão Xingu; por outro, era defensor e especialista das causas indígenas. Não se incomodava em enfrentar naufrágios, fome, sede e perigos para brigar pelo que cria. Questionava-se sobre sua trajetória pessoal e profissional junto aos os índios e o seu papel social e educacional: “e a minha atividade? Terá sido útil ou em vão? Como responder a tantas perguntas?” (KRÄUTLER, 1967, p. 225).

Ao que nos parece, Krätler se inquietava com o papel que assumia localmente no Xingu. Isto nos recordou Said (2005), ao certificar que um intelectual é alguém que se incomoda com sua vivência, alguém que se questiona quotidianamente e que luta para a não propagação de ideias preconcebidas, que se indigna com meias verdades e, que está em alerta constante contra a desinformação.

E mais, o intelectual é um indivíduo

que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. A questão central [...] é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para [...] dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público (SAID, 2005, p. 25).

Kräutler convivia com esse conflito pessoal e profissional, ora era pacificador, ora transgressor; ora promovia a liberdade dos homens e lutava pela promoção do conhecimento contrariando seus princípios europeus, ora propagava-os; ora defendia uma causa institucional (Igreja e governos), ora localizava-se acima dessas normas pré-estabelecidas. Foi essa ambiguidade percebida no livro *A Moringa Quebrada* que nos desafiaram a trazer para a discussão as duas concepções de intelectuais de Edward Said: o “profissional e o amador”. Isso porque, entendemos que, o primeiro, de acordo com Said (2005) é um especialista, um expertise, assim como Kräutler: “um especialista na tarefa de proteção ao índio” (KRÄUTLER, 1979, p. 118).

Este reconhecimento pelas autoridades religiosas, governamentais e civis, rendeu-lhe nomes de escolas, praças e instituições nas cidades de Porto de Moz, São Felix do Xingu, Vitória do Xingu e Altamira, no Pará. Foi ainda como especialista que intermediou visitas e diálogos entre a sociedade e os indígenas; assumiu compromisso com o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, no que se refere à construção de uma pista de aviação, em São Felix do Xingu e mediu, junto ao Governador do Estado do Pará¹¹, a Conferência que teve como objetivo a proposição de uma linha divisória entre as terras indígenas e as terras frequentadas pelos seringueiros; defendeu um modelo de progresso fundamentado nas ideias do Iluminismo, com fortes raízes do Romantismo europeu e; implantou uma educação/catequização indígena romantizada que anulava os saberes tradicionais e agregava conhecimentos de civilização eurocêntrica que, em linhas gerais, concebia o índio como indolente, mal educado, irônico, selvagem e devia ser educado.

Para Said (2005, p. 81), a especialização “mata os prazeres do arrebatamento e da descoberta, ambos irredutivelmente presentes na índole do intelectual”. A especialização ainda domestica o intelectual e põem em risco sua existência. Essa ameaça aliada à expertise, que exige linguagem apropriada do intelectual, “que deve citar as autoridades corretas para ser credenciado por elas” e à submissão “às grandes

¹¹ Essa mediação resultou em uma carta confidencial ao Governador do Estado do Pará com os seguintes pontos básicos: “Garantia de auxílio financeiro ao plano de pacificação, escolha dos membros que comporia a missão de pacificação deveria ter moral incontestável, respeitar a dignidade humana do índio, instalar unidades policiais nos diversos postos indígenas, evitar a proliferação de evangelização com dominações religiosas diferentes em um mesmo local, ensinar a língua portuguesa, só será criminalizado por um delito, um índio que residir por mais de dez anos em um posto indígena, melhorar as condições de vida dos seringueiros e castanheiros e modificar o sistema de posse da terra: de arrendamento por fazendeiros, para direito natural do primeiro proprietário” (KRÄUTLER, 1967, pp. 182-183).

empresas, organizações e agências fomentadoras de pesquisa” (SAID, 2005, p. 84) descredencia o intelectual a causar embaraço, “ser do contra e até mesmo desagradável” (SAID, 2005, p. 27).

Como intelectual amador, Krätler era polêmico, questionador, levantava indagações, era um sujeito que se incomodava com a vida, a educação, a saúde e exploração dos índios, como podemos observar neste fragmento:

Onde estão as tribos de índios que eu queria unir em paz? Quantos índios eu consegui converter? E educar? Terão diminuído as violências entre índios e a população branca? Ou o vício da bebida, que tanto arruinava os jovens e velhos em todo o curso superior e inferior do Xingu ‘os matou’? Terá a exploração mútua dado lugar a uma atitude mais justa? E os leprosos, terão deixado de ser esquecidos e repudiados? (KRÄUTLER, 1967, p. 225).

Essas inquietações nos levaram a perceber uma inflexão em suas obras: a representação do índio como sujeito histórico-social, desde a década de 1967, no que tange às narrativas das guerras, ataques, formas de alianças, migrações, fugas, invasões, etc., como reflexo do que ocorria em seu meio, em especial a luta pela posse do direito natural a terra. Nem sempre essa inflexão estava explícita, por vezes, ela exigiu de nós interpretação veja:

[...] O governo entregava aos seringalistas – homens que exploravam borracha, bem como as castanhas-do-pará – grandes faixas de terras onde viviam os índios. Cada qual procurava satisfazer seus interesses. E as grandes vítimas eram inevitavelmente os índios tanto quanto os seringueiros, que só almejavam poder tirar das árvores de seringa o sustento para as suas pobres vidas (KRÄUTLER, 1967, p. 133).

A situação para autor era esdrúxula, pois nem Governo nem SPI, tomavam uma medida protetiva para ambos os lados. Krätler (1979, p. 54), então, “começa a meditar na sorte dessa gente”: reúne informações e pensamentos, explora a cultura das diversas etnias indígenas e junto às instituições, buscava desconstruir ideias questionáveis. Igualmente, instrumentalizava os indígenas com conhecimento sobre seus direitos, orientava-os a lutar contra a opressão e escravização e, algumas vezes, defendia a utilização de armas por esses.

Neste entendimento, para o autor, os índios são sujeitos históricos concretos, que lutam pelo controle de espaços geográficos específicos, mas também, muitas vezes, aliam-se ao Estado e ao Capital, para garantir sua própria sobrevivência. Independente disso, expressa Krätler (1967, p. 92): “fora o amor aos índios que me levava a ser

missionário no Xingu” e, “mesmo que não haja colheita nenhuma, pelo menos teremos trabalhado na selva por um só motivo: para que o amor não morra!” (ib. id. p. 111). Neste sentido, conclui Said (2005, p. 86): o intelectual tem “literalmente uma atividade [...] alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita”.

Considerações Finais

A proposta em escrever um artigo abordando a História social do pensamento intelectual de um autor latino-americano, foi para nós, oportunidade ímpar para alargar nosso campo teórico. Seu conteúdo nos permitiu conhecer mais as questões histórico-sociais da educação indígena no Xingu, especificamente nos anos de 1935 a 1979, época de poucos registros escritos na região.

Inicialmente, partimos para a pesquisa exploratória, mapeando pelo *site* de busca *google*, os sujeitos que comporiam o quadro de intelectual do qual lançaríamos mão. Esse procedimento não teve o resultado esperado, apenas alguns artigos que nos indicaram pesquisadores locais. Neste caso, decidimos ir à biblioteca da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, à busca de Trabalhos de Conclusões de Cursos, livros, Teses e Dissertações. Nesse levantamento encontramos romancistas, cronistas, memorialistas, acadêmicos (Teses e Dissertações), historiadores, antropólogos e diversos outros escritores que, de uma forma ou de outra, têm-se dedicado a estudar as questões indígenas no Xingu.

O segundo passo foi selecionar alguns critérios, para atender à necessidade da disciplina “Intelectuais e circulação de ideias em Educação”, tais como: ter biografia e obras reconhecidas por estudiosos; ser relevantes para sociedade e que já tivesse falecido. Depois desse filtro encontramos aproximadamente quinze pesquisadores com produções permanentes, dentre esses, Eurico Kräutler e seus escritos de viagens. Elegemos, então, para o estudo, a obra *A Moringa Quebrada*, dado registrar as experiências e ações de convivência de um intelectual com os indígenas na região, no período de 1935 a 1979; por evidenciar aspectos políticos, geográficos e educacionais do Xingu, no início do século XX, que tem sido referência para pesquisadores da área

da História, da Antropologia, da Educação, do Direito, dentre outros; e por abordar os problemas da realidade sócioeducacional dos índios e da região do Xingu, no século XX.

Contudo, ressaltamos que, apesar do autor escolhido ser austríaco e não latino-americano, como sugerido pela professora da referida disciplina, sua vida pessoal e intelectual foi dedicada aos índios do Xingu, daí ser ele elegido. Neste ínterim, objetivamos neste artigo, analisar as representações indígenas, a história social do pensamento intelectual de Eurico Krätzler na obra *A Moringa Quebrada* e, as aproximações teóricas com o papel do intelectual refletido por Edward Said, no livro *Representação do Intelectual: as palestras de Reith de 1993*.

De todo exposto, concluímos que, ao realizar esse estudo bibliográfico, inevitavelmente, discutimos alguns termos conceituais nesta pesquisa. O primeiro deles foi delimitar o que se entende por um memorialista-intelectual. Aqui, as análises realizadas a partir do referencial teórico e metodológico nos indicaram que, as ambiguidades intelectuais de Krätzler eram constantes, por isso, ser por uns denominados de memorialistas, por outros, intelectual.

Não nos compete, nesta ocasião e, nem foi nosso objetivo, fazer tal definição conceitual. Desta feita, o que buscamos neste artigo foi identificar como que a história de vida do autor se articula com as populações indígenas do Xingu, se há relação com História social do seu pensamento intelectual e como ela se cruza com as contribuições teóricas da representação do intelectual de Edward Said. Isto foi desafiador, pois ambos falavam de lugares e tempos diferentes. Por isso, inflexões foram necessárias para analisar aspectos relacionados ao papel do intelectual na sociedade.

Acreditamos que, o aprofundamento de estudos relacionados à temática, pode nos ajudar a melhor debater não apenas tal questão, mas, sobretudo, as representações indígenas de Krätzler na região do Xingu, pois este foi o segundo termo conceitual em destaque neste artigo. Já o diálogo com Said (2005), nos trouxe amadurecimento teórico e nos forneceu abertura e domínio para discutirmos a contribuição dos escritos de Krätzler para os moradores, estudiosos e pesquisadores do Xingu, bem como, quais as representações que foram construídas e elaboradas sobre ele na região.

Neste esquadre, nossos estudos se voltaram para a compreensão da aproximação conceitual entre os estudos do intelectual *profissional e amador*, de Said (2005), com a trajetória de vida pessoal e intelectual de Kräutler e a possibilidade de aproximações teóricas. O que, por sua vez, foram fundamentais para que percebêssemos na obra analisada as representações supracitadas e os tipos de intelectuais.

Em suma, os dados revelaram que, Kräutler foi um dos escritores mais proeminentes das questões indígenas no Xingu, sendo considerado um especialista pela sociedade civil, governamental e episcopal. Nada obstante, sua biografia é inquestionável, suas obras são reconhecidas nacionalmente por estudiosos dos assuntos indígenas e do Xingu, e, foi atuante como intelectual na proteção e na educação dos índios do Xingu, pois ao longo de sua vivência e missão junto a eles, desempenhou papel ora de intelectual *profissional*, ora de intelectual *amador*. Para além disso, Kräutler foi alguém que emprenhou toda a sua vida pública em explicitar os conflitos e as crises dos índios, ao mesmo tempo em que lhes davam dimensão humana a sua dor.

Referências

IBGE, **Síntese de Indicadores Sociais de 2010 - IBGE**, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 26/08/2013.

KRÄUTLER, Eurico. **A Moringa Quebrada**. Curitiba: Edições Rosário, 1979.

_____. **Sangue nas pedras**. Coleção perspectivas. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Educação Indígena. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006, p. 128-171 Disponível em: <<http://www.laced.mn.ufrrj.br/trilhas/>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. História intelectual e história da educação. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago, p. 340-345, 2006.

NUNES, André Costa. **A Batalha do Riozinho do Anfrizio: Uma história de índios, seringueiros e outros brasileiros**. Marituba, Pa: Halley S/A, 2003.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira. **Sistemas Municipais de Ensino e o Instituto Ayrton Senna na Amazônia Paraense**. Tese de doutorado. Programa de pós - graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/SP, 2013.

PARENTE, Francilene de Aguiar. Educação Superior em Etnodesenvolvimento, Movimentos Indígenas e Agência da Diferença Étnica em Altamira/Pa. **Revista Itabaiana: GEPIADDE**, Ano 08, Volume 16. jul./dez. de 2014

PRELAZIA DO XINGU. **Características gerais**. Disponível em <http://www.prelaziadoxingu.com.br/index.php/prelazia-do-xingu-2>. Acesso em 30 de junho de 2016.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as palestras de Reith de 1993. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

_____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

UMBUZEIRO, Ubirajara Marques. **Altamira e sua História**. 3ª edição. Altamira, PA, 1999.